

• **Se fosse um país sério dava Watergate**

Sebastião Nery deitou e rolou na semana passada. Sua matéria sobre a "Montagem" pela Agência Nacional da candidatura Francelino Pereira ao governo de Minas, para *Isto É* que está nas bancas, atingiu o Ponto Nove na Escala Nixon de tramóias políticas. Nery fez o Planalto tremer duas vezes em 7 dias. Não é mais um repórter, é um tufão. — (Sergio Augusto)

• **Queimou, tá queimado. Que tal salvar o que ainda não queimou?**

Não adianta ficarem discutindo se os extintores estavam funcionando ou não. O que deve ser posto em questão é o monstruoso descaso pela memória e pela cultura nacional. Poderia ter queimado, por exemplo, a Biblioteca Nacional, com todos os livros raros que ainda não foram comidos pelas traças, estragados pelo mofo e pelos vazamentos ou cortados a gilete. Poderia ter queimado uma das igrejas de Ouro Preto. O desrespeito pela memória nacional ficará como uma das vergonhas destes últimos 14 anos. Espero que pelo menos isso a memória nacional não esqueça. — (Jaguar)

• **Alzirão**

Sempre foi biônico, nunca deixou de ser biônico, vai morrer biônico e é uma chaga tão profunda quanto o Freitas. Essa gente, clinicamente morta para a política, não agüenta uma eleição direta. Só há um remédio: povo neles. — (Felix de Athayde)

• **A partir das cinzas**

A perda do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio é irreparável. Ninguém, evidente, quer o sofrimento para aprimorar-se, embora nossa cultura judaico-cristã afirme que ele (o sofrimento) faça isso (o aprimoramento). A verdade é que a gente aprendeu que a adversidade dá a algumas pessoas uma grande força para renascer. Eu vi os olhos da Heloisa na televisão, o jeito manso dela falar...

O incêndio do museu fará com que o povo desperte para a extensão da importância daquilo que ele tinha e perdeu, sem saber que tinha. Não sei o que dizer numa hora dessas, mas sei que o museu, com gente como a Heloisa e o Mário Pedrosa, renascerá. E poderá vir a ser mais compreendido e amado pelo povo dessa cidade.

Vamos atacar de Fênix, pois, na verdade, mais do que judaico-cristãos, nós ainda somos meio chegados ao grego. — (Ziraldo)

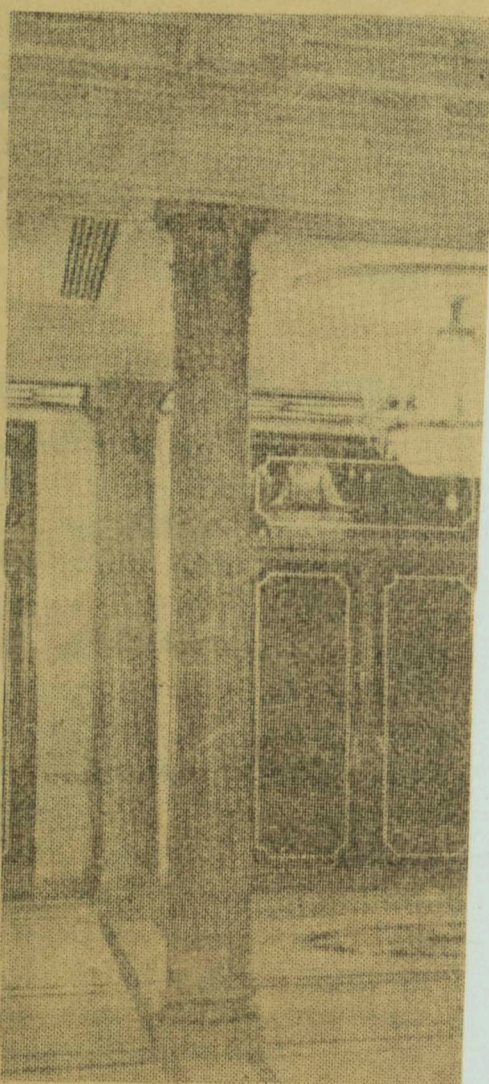
• **Pé frio (II)**

Veio ao Rio e o MAM pegou fogo. Quem é? — (Felix de Athayde)

DI

• **A visita do general**

Não aconteceu. O General de outros jornais, na nossa água gelada. Não visitou o General, inexistem). Não p Diretor-Presidente (recém-p mandou retirar as fotos de r nem trocou idéias com os idéias pelas dele). Enfim, fic franqueza a enganar os leit Presidente Geisel. Quem sab



Vista parcial do gabi

• **Juruna é de paz**

Fig, que dizia não ter medo de homem, só de lobisomem, teme levar uma flechada, se receber o cacique Mário Juruna para um papo no Araracoara. Para quem escapou vivo e ileso do encontro com Kissinger, parece desproporcional, este receio. Juruna é um homem de boa paz, que carrega um gravador em vez de armas e nunca mandou regar, com os desfolhantes tóxicos da Dow/Golbery, as terras exaustas do Vietnam. — (Armando Blanco)

• **Lucidez**

O Senador Teotônio Vilela, bravo homem, e nesta hora é bom lembrar que ele foi o primeiro a sair pelo Brasil ouvindo os brasileiros e defendendo a volta da democracia, tem razão quando diz: "Os fatos que estão se desenrolando não nascem no Congresso, não são frutos das decisões das cúpulas políticas, mas são gerados pela sociedade civil." E quando diz: "Os políticos não têm mais qualquer controle sobre esses fatos. Na realidade, as instituições é que estão correndo atrás das manifestações da sociedade civil e não conseguem acompanhá-la." Eu assino em baixo: — (Felix de Athayde)



## • Cultura

Niterói está se tornando o centro cultural do Rio. Os cariocas riem. Podem rir, mas é lá que se estuda, que professores se esmeram e alunos queimam as pestanas. E vai melhorar com a professora PhD Ismênia Martins à frente da FAC — Fundação Artística e Cultural. Breve, quem quiser curtir uma boa cultura terá que atravessar a ponte. — (Felix de Athayde)

## • Mamismo

Alguns lucram, outros perdem, no fim a classe dominante lucra e quem perde nunca teve chance de lucrar. Depois do incêndio do MAM, acreditem irmãos, milhares de javalis de casaca do mundo inteiro mandarão obras de arte para o aterro. Obras que não conseguirão vender por mil dólares mas que um condescendente avaliador avaliará em 20.000 dólares que serão descontados do imposto de renda. Recuperaremos os 14 anos em 14 meses. — (Fausto Wolff)

## • O incêndio do MAM

De pouco adianta agora ficar querendo saber se os bombeiros demoraram ou não para chegar ao MAM. Ele, como um dos maiores centros culturais do país, jamais poderia ficar à mercê de alguns minutos. A verdade é que durante toda a sua existência faltaram verbas para que o MAM pudesse ter uma vida decente. Faltaram verbas para que fosse instalado um sistema de prevenção de incêndio que evitasse tragédias como a que ocorreu sábado. Mesmo que os bombeiros tivessem chegado a tempo os quadros do museu correriam outro risco; o de serem destruídos pela água. Portanto, a culpa não está somente na demora ou não dos "ardorosos soldados do fogo". A parcela maior, sem dúvida, cabe ao governo, que gasta milhões com o selecionado brasileiro e nada, absolutamente nada, com Museus de Artes. E isto muita gente sabe, só que não quer falar. Não é, dr. Pitanguí? — (Marcelo Cruz)

## • Último o quê?

Sabemos que a situação está preta, que a incompetência abateu a música contemporânea e tal. Mas isto não dá a ninguém o direito de chamar encontro de múmias de "último concerto de rock". — (Luiz Antonio Mello)



ORGULHE-SE! O BRASIL É UM PAÍS DE JOVENS.



LÓGICO! A MÉDIA DE VIDA NÃO CHIEGA AOS 35!



## • O general e a miss

Ao ler a notícia do encontro da nova Miss Brasil, uma jovem de Ipatinga, Minas Gerais, com o general Figueiredo, invadi-me uma tristeza que diante do clima surrealista da política nacional só poderia ser descrito por Checov que via com clareza os grandes dramas que os fatos banais escondem. A miss não falou e limitou-se a distribuir autógrafos. O general declarou que um homem só envelhece aos 75 enquanto que a mulher de 60 já é uma velha e depois disse à miss que não deveria comer muito para manter as formas.

Herman Hesse escreveu que a tarefa da inteligência e da cultura consiste em possibilitar aos jovens gênios de hoje, o desabrochamento pleno e em proporcionar-lhes o ar necessário para respirarem. Aparentemente não há conexão entre o encontro da miss e do general e a frase de Hesse mas apenas aparentemente. Os homens de cultura deste país e quando falo em cultura estou falando no que o vocábulo possui de aberto, humano e liberal e não no seu sentido acadêmico e tiranizante têm um débito para com os jovens que nasceram depois de 1950 que creio jamais poderão saldar. — (Fausto Wolff)

## • O grito

Domingo passado, o Teatro Cacilda Becker era uma festa: mais de uma centena de jovens curtiam "Um Grito Parado no Ar", de Guarnieri, na montagem do Gama/Grupo de Arte Movimento e Ação, de Nova Friburgo. Inacreditável Brasil: o talento e o inconformismo explodem por toda a parte, como expressões vivas de um povo que recusa o bridão e a borduna. Comovente (e delirantemente aplaudido) o final do espetáculo, com os atores, de velas a lucilar nas trevas, gritando a uma só voz: "Sou um homem... gente, gente, gente... eu não te persigo, não te roubo... sou um homem, sou um homem." Poderiam acrescentar: não te minto, não te exploro, não te torturo. Mas aquele grito ecoou fundo e as palmas o completaram. Essa moçada de Friburgo faz um Guarnieri como há muito não se via, simples, lúcido, direto, arrebatador. A gente sai com a alma recauchutada e sem medo de virar alface, como diz Maristela, a contra-regra do grupo, que estuda filosofia, ajuda toda a noite a arrumar os pertences do "Grito" e, nas horas vagas, comete versos, cansada de colecionar silêncios. Vejam a peça e comprem o livrinho de Maristela. — (Armando Blanco)